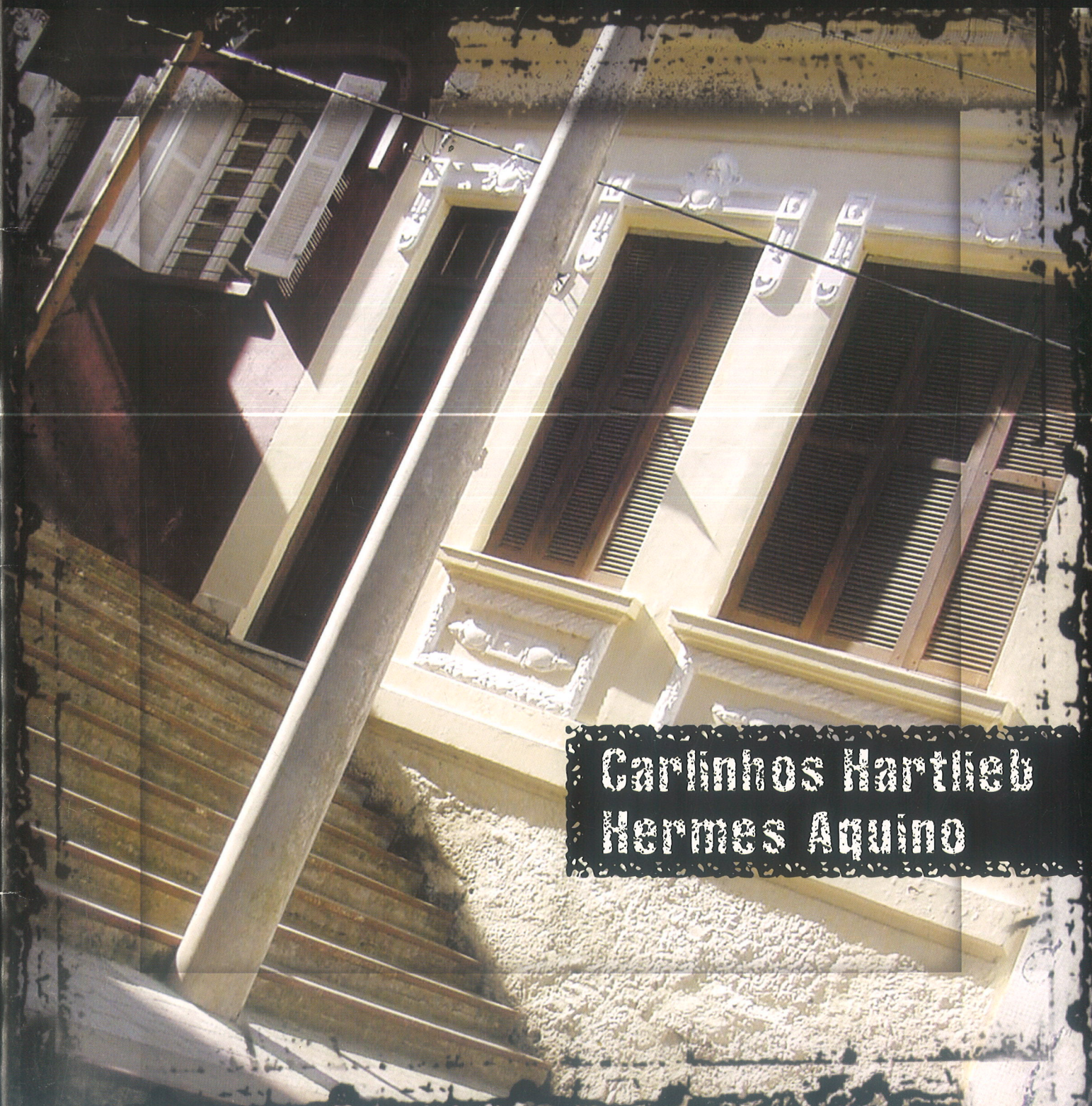


# CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 13



Carlinhos Hartlieb  
Hermes Aquino



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



**Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann**  
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

**Coordenação Editorial: Mônica Kanitz**

**Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas**

**Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes**

**Transcrição de Partituras: Michel Dorfman**

**Revisão: Dione Detanico Buseti**

**Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga**

**Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico**

**Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Shardelotto**

**Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga**

**Fotografias das Capas: Nilton Santolin**

**Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais**

**e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga**

**Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago**



**Coordenação Gráfica: Rossir Berni - Editora Alcance Ltda.**

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

[www.editoraalcance.com.br](http://www.editoraalcance.com.br) / e-mail: [alcance@editoraalcance.com.br](mailto:alcance@editoraalcance.com.br)

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

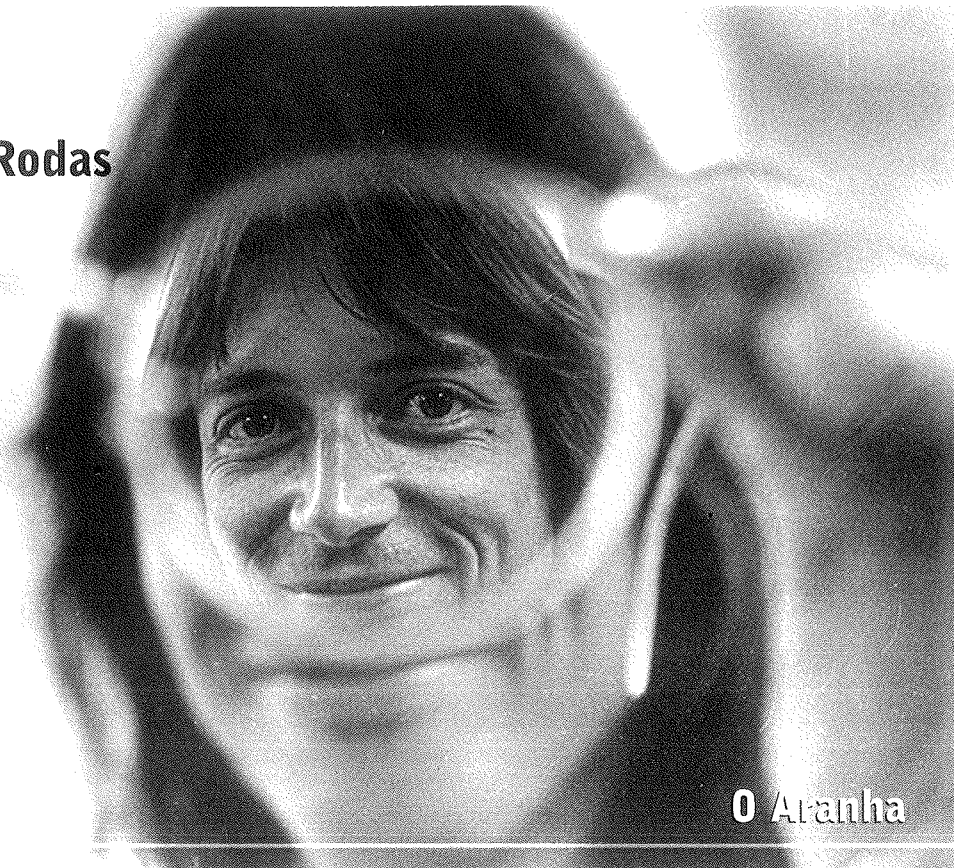
Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Eraci Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



## Carlinos Hartlieb e a Invenção das Rodas

HOJE



O Aranha

**E**le já era uma figura conhecida desde o meio dos anos 60, quando começou a agitar na Universidade com bossa-nova, "Beatles" e a canção engajada. Lembro bem das armações de Carlinhos Hartlieb nos centros acadêmicos da Arquitetura e da Filosofia, até ganhar as primeiras páginas em 1969, com a vitória da tropicalista *Por Favor, Sucesso*, no segundo Festival da Arquitetura. Mas ao lado da música, dos shows, das peças de teatro, da política estudantil e da política cultural (foi diretor da Discoteca Pública Natho Henn), sua biografia sempre destacará as "Rodas de Som", criadas por ele em 1974.

As "Rodas", com perdão pelo trocadilho, podem ser vistas como um momento de invenção da roda musical gaúcha moderna. Foi nelas que se ligou um estopim de cumplicidade entre fazedores e ouvidores de música em Porto Alegre. Foi nelas, durante um bom tempo, que palco e platéia tornaram-se uma coisa só. Foi nelas que, por exemplo, o grupo "Utopia" de Bebeto Alves, Ricardo Frota e Ronald Frota passou a ser cultuado como os "Beatles" no Cavern Club. Com a noite terminando sempre em celebração no palco do Teatro de Arena.

Não se imaginava que a cidade abrigasse tantos jovens músicos enrustidos. Foi se ver quando Carlinhos abriu as inscrições para as "Rodas". Fora a estréia do projeto, que teve a consagração do rock do "Bixo da Seda" (centenas de pessoas do lado de fora do teatro), a regra era igual para igual. Foi assim que Nelson Coelho de Castro teve sua primeira chance de cantar em público. Ele e tantos outros. Fizesse o tempo que fizesse, nas sextas-feiras à meia-noite um público fiel lotava o Arena para conferir as novidades e surpresas do Portinho.

O cidadão Carlos Alberto Weyrauch Hartlieb era o aval. Pequenote, magro, cabelos loiros escorridos pelos ombros, olhos atentos atrás dos óculos de aro fino, era um líder do tipo raro na música do Rio Grande do Sul. Sem vaidade, fala macia, atitude zen, ele organizava o movimento pelo simples prazer de fazer. Quando se despediu da produção das "Rodas" (não sem antes deixar um substituto), para retomar o próprio trabalho, ele tinha um rumo traçado: mesclar sua formação de bossa e rock/beatles com o redescoberto folclore gaúcho.

Exatos 25 anos depois, a música e o trabalho de Carlinhos permanecem em dia. Muito mudou e no entanto pouco mudou nesse tempo. Ouça-se, como prova, o disco póstumo *Risco no Céu*, lançado em 1988. Carlinhos o deixara pronto no final de 1983. Na volta das férias na Praia do Rosa, da qual foi um dos "fundadores", ele tentaria uma gravadora. Mas a morte maluca, ainda inexplicada, o abateria em pleno vôo em fevereiro de 1984, aos 37anos. *Risco no Céu* é música gaúcha brasileira atualíssima. O que está faltando para que chegue a novos ouvidos agora, em CD?



## “ Só se poderá avaliar o resultado daqui a algum tempo ”

Em 25 de abril de 1975 Carlinhos Hartlieb ocupou o palco do Teatro de Arena para duas coisas: apresentar-se pela primeira vez nas "Rodas de Som" e despedir-se delas como produtor. Fui entrevistá-lo para Zero Hora e pedi que fizesse um balanço do projeto que idealizara:

*"Agora eu acho difícil falar sobre os resultados gerais da coisa. Mas o certo é que a gente fixou um dia, isso foi importante: um dia da semana tem som em Porto Alegre em determinado lugar, e quem tá a fim desse som pode chegar, sabe que vai ouvir música de pessoas daqui, retratando a realidade daqui. É importante porque nunca houve esse tipo de promoção antes. Fora isso, muito mais importante é o fato de os músicos se conhecerem lá, porque como não havia um lugar, ninguém se transava; só se ouvia falar em fulano aqui, fulano lá, fazendo isso e aquilo. E dentro do Arena já surgiram muitas associações de músicos, gente que trabalha sozinha e que de repente, pelo conhecimento, passou a pensar em formar um grupo, coisas assim. Isso estimula o trabalho de todos.*

*Outra coisa é que as "Rodas" ofereceram uma perspectiva nova de as pessoas poderem apresentar sua música. Antes, muitos que faziam som não sabiam onde mostrá-lo, a não ser em festivais, e agora há essa opção. Tem gente para ouvir, o cara chega e mostra o seu som, sem torcida ou coisa semelhante. Tudo isso já é novo, mas o resultado só vai se poder avaliar daqui a algum tempo, quando começarem a dar frutos essas uniões novas. E o próprio público, que se formou a partir das "Rodas", vai responder também a outro tipo de promoção. A gente está aprendendo a superar algumas dificuldades, mas ainda há muito a fazer, como resolver o problema de patrocínio. Não acho que as coisas devam ser sempre patrocinadas, porque de certa forma isso pode limitar a criatividade. Mas no início, nessa fase que estamos passando, o patrocínio é essencial. Muita coisa está sendo feita e as empresas poderiam divulgar seus produtos, isso junto a essa faixa de consumidores que aumenta visivelmente. Quanto mais se criarem condições para a arte pintar aqui, vai ser bom pra todo mundo, não só para aqueles que a fazem."*

Este texto é uma colaboração de **Juarez Fonseca** - Jornalista



Carlinhos em 18.07.1969.



## Cronologia Biográfica:

Carlos Alberto Weyrauch Hartlieb

## Carlinhos Hartlieb



Carlinhos Hartlieb nasceu em Porto Alegre no dia 28 de março de 1947 e foi registrado como Carlos Alberto Weyrauch Hartlieb.

Alfabetizou-se precocemente. Aos 16 anos, tinha uma caranguejeira (por isso o apelido de "Aranha") e fazia pesca submarina em Garopaba, SC.

Do pai, ganhou um violão e aprendeu as dissonâncias da bossa nova, logo comprando um baixo acústico.

Em 1967, entrou na Faculdade de História Natural (UFRGS) e nos diretórios acadêmicos, seu violão prendia as atenções. Sua dedicação às aranhas rendeu um convite do Instituto Butantã para estender suas pesquisas.

Foi para São Paulo, mas é no Teatro da Universidade Católica (TUCA) que aprendeu mais sobre as funções de compositor, instrumentista, assistente de produ-

ção, ator e cantor. Começou Comunicações Culturais na Universidade de São Paulo (também inacabado).

Com o TUCA, viajou pela América Latina e em 69, inscreveu-se no Festival Universitário de Música em Porto Alegre. Sua canção *Por Favor, Sucesso* ganha o primeiro lugar acompanhada pelo grupo "Liverpool".

Com isso, surge o convite para o Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro. Para o "Liverpool", a chance foi dupla; gravaram um LP para o selo Equipe, chamado *Por Favor, Sucesso*, o primeiro disco de uma banda gaúcha.

Em 1970, de volta a São Paulo, Carlinhos integrou o Teatro Oficina, como compositor e músico em cena.

Em 1972, volta a Porto Alegre e monta seu primeiro show; *Sempre é Assim* no Teatro de Câmara, e o Oficina chama Hartlieb de volta, mas em 73, vem novamente para o sul trabalhar com o diretor Luis Artur Nunes e, no ano seguinte, apresenta um novo show individual; "Toque".





Carlinhos em 07.07.1974

No começo de 1975, o Teatro de Arena inaugura as "Rodas de Som", com Carlinhos na produção. Toda a sexta-feira, à meia-noite, apresentam-se os novos nomes da música gaúcha.

Para a estréia, ele convida a banda "Bixo da Seda" (o antigo "Liverpool" reformulado). Durante oito semanas acontecem as "Rodas", em que aparecem Bebeto Alves, Nelson C. de Castro, Mutuca e Mauro Kwitko. Em julho, montou o espetáculo, "M'boitatá, a Serpente de Luz", uma leitura coreográfico-musical da lenda da cobra de fogo.

Em 1976, fez o espetáculo "Sonho Campeiro" e veio o convite para ser jurado na Califórnia da Canção Nativa em Uruguaiana. No ano seguinte, surgem o show "Voltas" e mais composições.

Em 1978, Carlinhos tem duas músicas gravadas no disco coletivo *Paralelo 30*, do selo Trilhas (considerado um marco da música pop gaúcha): *Admirado por Todos* e *Maria da Paz* (do LP, a mais tocada nas rádios). Na coletânea, também estão o saudoso Nando D'Ávila, Nelson Coelho de Castro, Bebeto Alves, Claudio Vera Cruz e Raul Ellwanger.

No show de 1979, Carlinhos volta com sua filoso-

fia e visão de mundo iguais: continuava acreditando nas pessoas. "Dêem ao Homem Sete Dias" foi uma tentativa de retrospecto e reciclagem, no Instituto de Artes. Trabalhava na Secretaria de Cultura do Estado como produtor e realizou o Projeto Lupcínio, em que os músicos ganharam um palco, na esquina democrática toda a sexta-feira. No final de 80, Carlinhos produz uma caravana de músicos para São Paulo, no Teatro Ruth Escobar.

Em maio de 1981, aceita dirigir a Discoteca Pública Natho Hemm. Na peça de Ivo Bender, "O Cabaret de Maria Elefante", faz a direção musical. Em outubro monta "Tempo de Borboleta", show no Auditório Araújo Vianna e em julho de 82, com Pery Souza, apresenta o "Encontro das Águas", um espécie de laboratório para um novo tipo de som local.

Em setembro, mais uma caravana, desta vez para o Rio, no Teatro João Caetano. Na volta, outro show no Araújo, "Só não Sai se Chover".

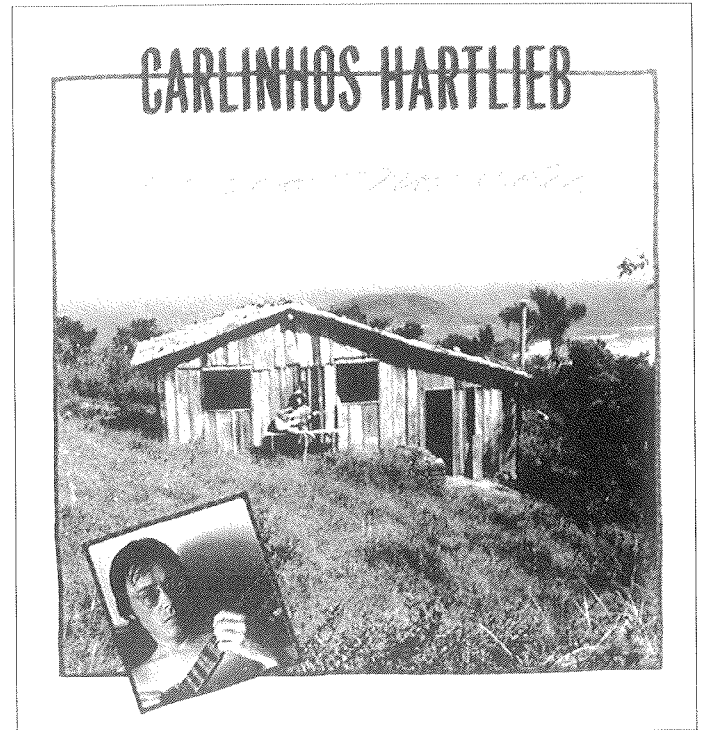
Cansado de burocracia, demitiu-se da Discoteca Pública em março de 83 e musicou a peça "Pode Ser que Seja só o Leiteiro lá Fora", de Caio Fernando Abreu.

Naquele inverno, começam as gravações na ISAEC. Era o projeto do LP *Como um Risco no Céu*,

feito por conta própria. Em novembro, o trabalho estava concluído, faltando corte e a prensagem do vinil. Então Hartlieb foi ao Rio visitar as poderosas gravadoras, mas voltou sem conseguir.

No verão de 1984, resolve descansar em sua rústica cabana na Praia do Rosa, em SC. No dia 29 de janeiro, em uma festa à beira da fogueira, tocou violão e cantou até de madrugada, depois despediu-se e foi dormir. Então, ninguém mais viu Carlinhos com vida. Ou ninguém se arriscou a dizer que viu.

O corpo foi encontrado em 3 de fevereiro, pendendo de uma corda, dentro de sua cabana. Um fato estranho é que estava com os pés encostados no chão, a ponto de arquear as pernas. Curiosamente, o caso não teve a investigação policial cuidadosa que merecia. Meses depois, o laudo da necropsia não revelaria a *causa mortis*, mas também não constatava traumatismo cer-



Capa do LP póstumo, "Risco no Céu".

vical, e apontava a falta de onze dentes. Ficou a certeza de um crime não desvendado.

Em 1988, o disco *Risco no Céu*, foi lançado pela Nova Trilha e, em fevereiro de 1994, inaugurada a Praça Carlinhos Hartlieb no bairro Farrapos, em Porto Alegre.

Num distante 16 de novembro de 1963, o Aranha coletou no morro Santa Tereza uma espécie de aracnídeo sem registro científico. Em janeiro de 1988, chegou uma carta da Universidade de Harvard, nos EUA, classificando o achado. Trata-se de uma *Alpaida Hartliebi* e pode ser observada ao microscópio no Museu de História Natural, no Jardim Botânico.

Em 2001, foi lançada uma nova versão do disco *Paralelo 30* (1978), com a Orquestra da Unisinos, sob direção do maestro José Pedro Boésio. Carlinhos foi substituído por Gelson Oliveira, que interpretou *Maria da Paz* e *Manhã*. Foi também homenageado no I Encontro Regional de Música Independente, realizado no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre.

O texto biográfico de Carlinhos Hartlieb foi redigido por seu primo, o guitarrista, compositor e radiologista Mutuca, também importante personagem da história da música do Rio Grande do Sul, com extensa biografia ligada ao rock.



## Cronologia Biográfica: Carlos Eduardo Wayrauch Mutuca

Carlos Eduardo Wayrauch nasceu em Porto Alegre, a 12 de agosto de 1946. Sua primeira banda foi "Os Incógnitos", nos idos de 66, quando ganhou o apelido. Como *leaderband* mesmo foi o "Alphagroup", de 1967, cuja formação original reúne-se até hoje para shows.

Em 1969, monta a banda "Succo", na qual até Zé Rodrix andou tocando. Naquele ano, a música foi, por breve período, trocada pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Em 73, volta à música com toda a força e, já em 74, é premiado (em parceria com Léo Ferlauto) pela trilha sonora da peça "A Tragicomédia de Dom Cristóvão e da Srta. Rosita".

Destaca-se, em 1975, nas legendárias "Rodas de Som", promovidas por Carlinhos Hartlieb e, logo, cria a banda "A Barra do Porto", além de musicar peças infantis para teatro. Os vários anos de trabalho que se seguiram o levaram a ter o clip de sua composição *Chove em Porto Alegre*, veiculado no Fantástico, da Rede Globo, em 1981. Inquieto, Mutuca abre o bar "Rocket 88", em

83, e vai montando bandas, como "Os Irmãos Brothers" (84), "Bric-Brothers" (88) e "Mutuca e os Animais" (90). Na noite de Porto Alegre a atuação de Mutuca sempre foi marcante. Não há quem desconheça, nos anos 90, as célebres reuniões musicais do "Hot Club do Mutuca", onde ele apresenta-se com "Os Animais" ou "Alphagroup", abrindo espaços para vários artistas. No rádio, estréia com o programa "Tequila Sunrise", na Felusp FM, em 1988, de onde sai para a Ipanema FM, em 91, realizando o "Programa do Mutuca" até hoje, data da confecção destes fascículos.

Um músico com esta biografia (da qual excluímos vários itens por falta de espaço), não poderia ficar sem o seu disco solo, que sai em 1999, pelo selo "Barulhinho". O CD *Hot Club - Mutuca e os Animais* foi indicado em duas categorias ao Prêmio Açorianos de Música. Se não bastasse tudo isso, desde junho de 1999 Mutuca assina uma coluna publicada em três jornais e, em 2001, monta a "Mutuca Rock'n'roll Band", incluindo a canção *Alma Prisioneira* no disco da Rádio Ipanema.

Ufa! Se o resumo biográfico acima ainda é reduzido para dimensionar a importância de Mutuca, vale lembrar que a palheta perdida por Nei Lisboa na música *Faxineira* era a dele.



Ilust. digital: V. H. Turuga

Mutuca em 1999.

As fotos de Carlinhos Hartlieb e Mutuca foram cedidas por Mutuca.





# Como Vento Sul

Carlinhos Hartlieb

1 CHE GO CO MOO VEN TO SUL MU DAN DO OÁ NI MO GE RAL A CEN DIN DO O BRA

6 SEI RO DA PAI XÃO PA ZEN DO CRU ZAR NOS A RES A PRO CA RA DOS NO VOS O LHA RES

12 CHE GO DES FA ZEN DO LA ÇOS AR MA DOS DE MA NEI RA DES CUI DA DA SE CO E COR TAN

17 TE PE NE TRAN TE SA CU DIN IXA ROU PA TO DA NO VA RAL CHE GO CO MOO VEN TO

22 SUL QUE TRAZ CON SI GO GRI TOS E LA MEN TOS DOS SO FRI DOS DOS A

27 MO RES PER SE GUI DOS DOS CA MI NHOS QUE CRU ZAM O CAM FO DA VI DA EM TO DAS AS DI RE ÇÕES

34 CHE GO CO MO QUEM PA ROU PRA DES CAN SAR E SE GUEA DIAN TE RE CO LHEN DOUM FOU CO

39 DO MO MEN TO EAS SIM SEA LI MEN TAN DO A CA DAENS TAN TE DO GES TOE DO SEN TI

43 MEN TO CHE GO CO MOO VEN TO SUL COR DAL E DE CI DI DO VER DA DEI RO NO SEU RU MO QUE A PON

50 TA PRO DES CO NHE CI DO CHE GO CO MOO VEN TO CHE GO CO MOO VEN TO

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



# Risco no Céu

Carlinhos Hartlieb

1 *Em* *D* *D#°* *Em*  
MEU A MOR, SOUM SOR RI SO NO CÉU A NUN CIA VA QUE VO CÉ PAS SOU EEU NEM

10 *G<sup>6</sup>* *A<sup>m</sup>6* *D#°* *Em* *B<sup>7</sup>*  
SEI CO MO VOU TEEN CON TRAR, MEU A MOR NEM SEI CO MO VOU TEEN CON TRAR FI COA

18 *Em* *D* *D#°* *Em* *G<sup>6</sup>*  
QUI PRO CU RAN DOEN XER GAR A PO EI RA DAES TRA DA ON DE AL GUÉM QUE

27 *A<sup>m</sup>6* *D#°* *G<sup>6</sup>* *B<sup>+</sup>* *E*  
MUI TO SE QUER VAI PAS SAR AL GUÉM QUE MUI TO SE QUER MEU A MOR, SOU A QUE LE QUEES

36 *C#<sup>m</sup>* *F#<sup>+</sup>* *B<sup>+</sup>* *E* *F°*  
CRE VE A QUI LO QUE DE VEE NÃO DE VE FA LAR E POR IS SO NÃO

43 *F#<sup>+</sup>* *B<sup>+</sup>* *E*  
QUER E NÃO CON SE QUE PA RAR DE TE GOS TAR MEU A

50 *E<sup>+</sup>* *A/C#* *F#<sup>+</sup>* *B<sup>+</sup>*  
MOR, SOU A QUE LE QUE CAN TA A TRIS TE ZAEA LE GRI A DO

56 *E* *C#<sup>+</sup>* *F#<sup>+</sup>* *F#<sup>+</sup>* *B<sup>+</sup>* *E*  
CO RA CÃO A TRIS TE ZAÉ FRU TO DA SAU DA DE EA ALE GRI AÊ A FLOR DA PAI XÃO.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



## Hermes Aquino



Ilustr. digital: V. H. Turanga

Aqueles que cresceram nos anos 60 e 70 certamente não esquecem; outras gerações não tem condições de ter a mesma visão. Mas, quando em 1977, Hermes Aquino virou tema do primeiro "clip" de uma música, produzido e rodado no RS, e logo depois a música *Nuvem Passageira* passou no programa Fantástico e virou tema da novela Casarão (ambos da Rede Globo), Hermes Aquino tornou-se sucesso de uma hora para outra. Até então, tínhamos como lembrança que, no centro do Brasil, clip no Fantástico e tema de novela da Globo, ninguém do sul ainda havia alcançado. Então Hermes Aquino se tornou muito importante. Logo em seguida, uma segunda música sua, *Desencontro de Primavera*, entrou na trilha de outra novela, *Locomotivas*.

E Hermes começou a aparecer muitas vezes no programa do Chacrinha, e a tocar muito nas rádios, a música pedida pelo público de todo o Brasil. E ele virou um fenômeno. Afinal fazia muitos shows e era badaladíssimo por aqui. Hermes, sim, era quase um *pop star* nos anos 70. Como compositor, é claro, teve uma trajetória, foi personagem importante dos programas da rádio Continental, dos shows ao vivo de Mr. Lee e havia sido gravado pela primeira vez já pelo embrião do rock'n roll gaúcho, o "Liverpool", em seu único LP, *Por Favor, Sucesso* (1969). Hermes tinha história, foi ungido para o patamar dos grandes, mas, de repente, tudo parou. Imaginava-se, naqueles anos bem na metade dos anos 70, que a música popular gaúcha, ou pelo menos de Porto Alegre, começava a conquistar um espaço na mídia nacional, a partir de um movimento universitário sólido, através de festivais e concertos coletivos de grande aceitação. Muito ainda se fala das razões para que o sucesso de Hermes não permanecesse, incluindo divergências com gravadoras, maneiras diferentes de tratar e ver uma carreira de sucesso naquele momento.

Então Hermes voltou a Porto Alegre e passou a trabalhar com publicidade, enquanto tentava se firmar como compositor e intérprete. Desiludiu-se, é certo, e tornou-se um artista fechado, dedicado apenas ao estúdio, aos *jingles*. Nunca foram claras as razões de não apostar numa carreira nacional. Nei Lisboa repetiria o mesmo gesto uma década depois, negando-se a fazer parte das engrenagens do sistema do sucesso, prender-se às gravadoras e suas fórmulas de fabricar sucessos. Quis ficar aqui, em seu pequeno mundo, menos popular, porém feliz. Teria acontecido a mesma coisa com Hermes Aquino?

Em 97, o compositor lançou um CD com músicas dos seus dois discos, anunciou que estava retornando à cena musical, mas tudo permaneceu como antes.

Nada disso, porém, diminui a importância de seu trabalho e a contribuição que teve para o desenvolvimento da música popular gaúcha. Hermes Aquino continua sendo uma referência para a música dos anos 60 e 70, seja em Porto Alegre ou no Brasil. Se muitos acreditam (como o próprio compositor, ainda hoje) que ele tornou-se um "maldito" como o foram Walter Franco, Itamar Assumpção e outros, isto não muda o resultado dos fatos e da história. Hermes Aquino continua em nossa memória como um autor de canções que conseguiram uma projeção como poucas em determinado momento da música popular urbana do Rio Grande do Sul.

Esta página é uma colaboração de **Gilmar Eitelwein** - Jornalista



## Cronologia Biográfica: Hermes Aquino

**1949** - Nasceu em Rio Grande (RS), em 21 de maio, filho de Maria Joaquina e Lourival Aquino.

**1963** - Era vizinho de Carlinhos Hartlieb na rua André da Rocha. Com ele, forma um trio de bossa-nova. Carlinhos no baixo (rabcão), Sérgio Reis no piano e Hermes no violão. Trocavam muitas informações. Hermes mostrou os "Beatles", Carlinhos a bossa-nova e a música engajada. Abriram o mundo musical um para o outro.

**1967** - Ao lado de Carlinhos Hartlieb, Cláudio Vera Cruz e Português, forma o conjunto "Som 4" que se apresenta pela primeira vez em uma festa de aniversário no Clube do Comércio. Passaram a se apresentar em bailes e nos lugares, onde outras bandas, como "Mao Mao" e "Rangers", também tocavam.

**1968** - Acaba o conjunto "Som 4". Entra no conjunto de baile de Glênio Reis, o "GR Show", como guitarrista, cantor e arranjador. Tocava em bailes e na TV aos sábados à tarde. Faz arranjos de sopro pela primeira vez. Economizava para viajar a São Paulo. No ano anterior, o amigo Carlinhos Hartlieb tinha ido para lá e escreveu uma carta chamando-o.

Toca com o "GR Show" no reveillon em Erechim. O diretor do clube pediu para tocarem tangos. Ninguém sabia. Hermes inventou letras e músicas por uma hora.

**1969** - No dia 22 de fevereiro, com as economias e o chachê do reveillon, viaja para São Paulo. Carlinhos o esperava na rodoviária. Vão para uma república de estudantes na Vila Buarque, próximo da concentração de bares da época, como o famoso João Sebastião Bar. Tocavam dia e noite, até que um dia alguém colou um bilhete na porta do quarto: "música é muito bom, mas estamos aqui para estudar".

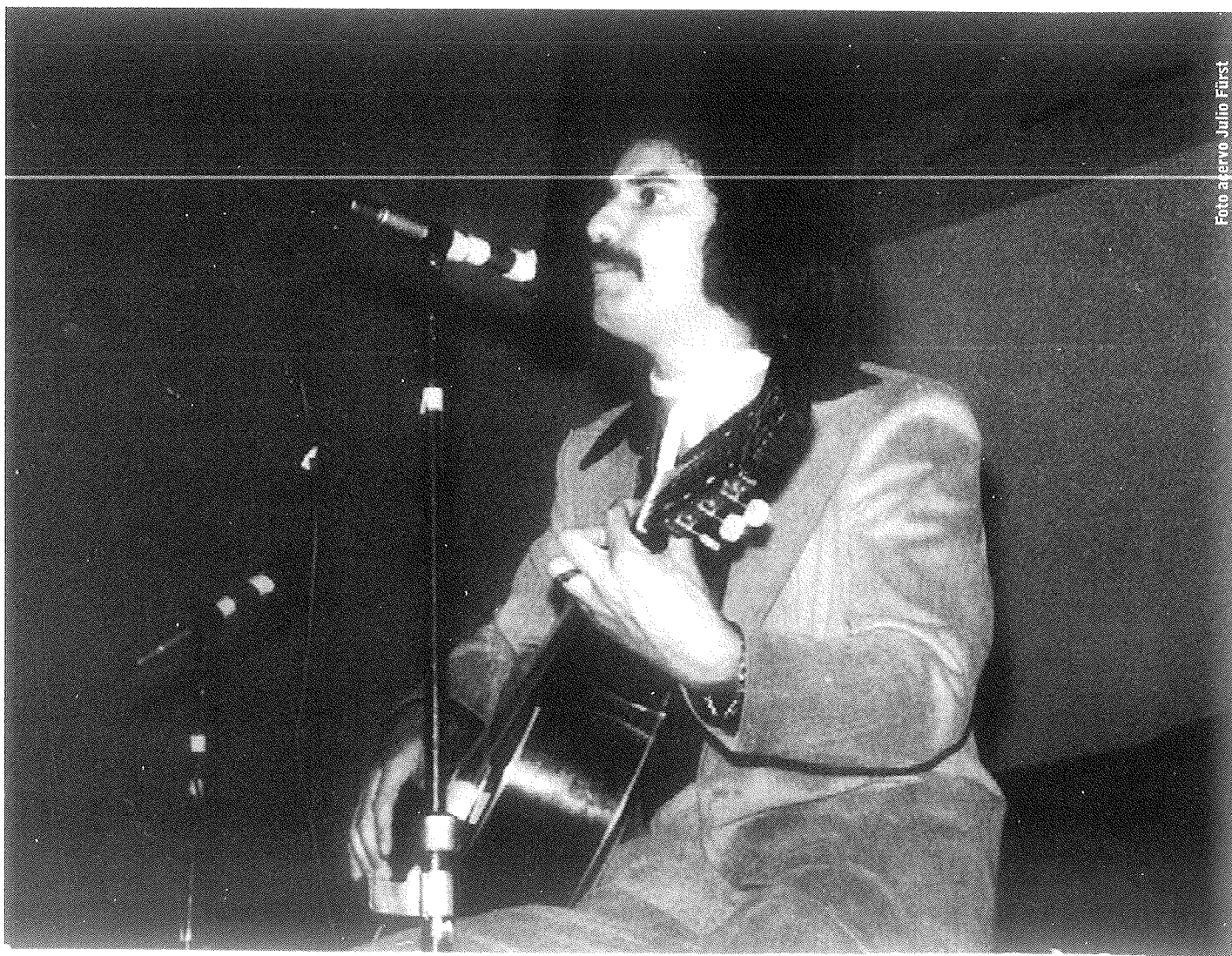


Foto a preto Julio Fürst



Lauro Nei, Hermes Aquino e Flávio Chaminé.

Resolveram alugar um apartamento na rua Rego de Freitas com Consolação, na Boca do Lixo. Faz o arranjo para *Pela Rua da Praia*, de sua prima Laís, que mora junto com ele e Carlinhos, para "O Bando" tocar.

Conhece o maestro Júlio Medaglia que faz o arranjo da música para a OSPA. Medaglia o estimula a estudar mais música, a aperfeiçoar-se. Começa a participar, junto com Carlinhos, da Feira Permanente da Música Popular, festival semanal da TV Tupi, produzido por Fernando Faro.

Carlinhos e Laís destacam-se no Festival da Arquitetura da UFRGS. Resolvem fazer músicas para a fase paulista do FIC. Classificam-se: Hermes com a música *Flash* e Laís com *Sala de Espera*, em parceria com Hermes. A esta altura, tinha feito muitas amizades. Costumava filar a janta na casa do poeta Augusto de Campos, junto com Carlinhos e Laís. Lá conheceu Tom Zé, com quem comporia *Você Gosta?*, gravada depois pelo baiano. Também foi apresentado a João Araújo, então diretor da RGE.

Laís e Hermes gravam um compacto com as músicas classificadas para a fase paulista do FIC. Começa a dar entrevistas em rádios, mas elas não tocavam o disco.

Chega o festival. Hermes em primeiro, "Mutantes" com *Ando meio desligado* em segundo, Laís defendendo a parceria com Hermes em terceiro e *Charles Anjo 45* em quarto lugar. Rita Lee diz para Hermes, tentando consolar-se: "Foi uma vitória das guitarras". Era a época da célebre guerra entre a guitarra elétrica e o violão, que deu passeata e etc. Apesar da vitória, a música não fez sucesso. Hermes diria a Juarez Fonseca "*o papo com o poeta concretista era muito bom, mas descobri que era uma coisa fechada, o público não ouvia*".

Dois meses depois, chegaram ao Rio para a grande final. No Maracanãzinho, encontraram forte aparato policial. Tensão. Hermes de macacão e com o rosto pintado. Carlinhos Hartlieb também havia se classificado na fase gaúcha do festival com *Por Favor, Sucesso*.

Nenhum deles se deu bem. Hermes levou uma enorme vaia que o fez lembrar *Sabiá* de Tom Jobim e Chico Buarque. A vencedora foi a chatíssima *Luciana*. Sobre isto, Hermes diria: "*Eu já estava convencido de que, nessa história de festival, era muito difícil unir o útil ao agradável. Avisei Carlinhos e Laís que estava caindo fora daquele negócio de vanguardismo*".

Grava, então, um compacto pela RGE com as românticas *Você Precisa Voltar e Saber* e *Triste Melodia*.



Sem repercussão. Com Carlinhos, faz a trilha sonora da peça "Terceiro Demônio", do Grupo de Teatro do TUCA. Viajam com a peça para a Colômbia, onde a trilha é premiada em um festival universitário de teatro. Em Porto Alegre, o "Liverpool" (pré-"Bixo da Seda") grava uma de suas composições no LP *Por Favor, Sucesso*.

**1971** - Volta para Porto Alegre. Monta o grupo "Succo", com Chaminé, Cláudio Vera Cruz e Lauro Nei. O som era bom, mas sentia-se estagnado na cidade.

**1974** - Através do irmão Holmes, técnico de som, conhece Bertoldo Lauer Filho, diretor técnico da Rádio Continental. Foi apresentado por ele para Cascalho, que tinha um bom programa na rádio, e convidou-o para fazer

um *jingle* para a Gaúcha Car. Foi seu primeiro *jingle*. Gravado em dois canais, com um pré-histórico "play-back", o *jingle* torna-se um sucesso. O público ligava para a rádio pedindo para tocar o *jingle*, como se fosse uma música qualquer da programação.

Hermes começa a produzir o célebre programa "Cascalho Time", infundindo-lhe uma nova linguagem. Começa a definir uma estética voltada para o grande público.

Produz *jingles* cada vez mais bem sucedidos e a executá-los ao vivo em programas de TV como o Porto Visão. Abrem-se os espaços para shows com Chaminé e Lauro Nei. Começa a compor músicas para os shows.

**1976 a 1977** - Enquanto aguardava Chaminé e Lau-



Detalhe da capa do LP "Desencontro de Primavera", 1977.



Hermes Aquino e Mr. Lee.

ro para um ensaio no Círculo Social Israelita, pega uma viola de doze cordas do guitarrista Mutuca e acha a sonoridade semelhante a de um charango. Começa a compor uma coisa meio folclórica. Chaminé chega e acha legal. Continuam, e nasce *Machu Pichu*. Gravada em fita rolo, começa a tocar na Rádio Continental. Sucesso total. A música torna-se a mais pedida pelos ouvintes.

Em outubro, Julio Fürst lançaria os históricos shows "Vivendo a Vida de Lee". Atração principal: Hermes cantando *Machu Pichu* e outras.

Grava o vídeo-clip de *Nuvem Passageira* pela RBS. Talvez o primeiro clip do Brasil, pelo menos com esta linguagem específica. Pedrinho Sirotsky, recém chegado dos EUA, estava com esta idéia na cabeça. Hermes leva o clip para Maurício Sherman, então diretor do Fantástico. O programa já rodava números musicais gravados em estúdio, mas nunca haviam visto uma proposta como aquela, cheia de cortes e superposições. Colocam no ar como estava. Sucesso.

Grava o compacto com *Nuvem Passageira*, pela Tapeçar. A música entra na trilha da novela Casarão, da Globo. Explosão. A Som Livre coloca no mercado um LP com a trilha sonora da novela.

Segundo a Zero Hora de 24/07/76, Hermes é chamado às pressas pela Tapeçar, preocupada com a manobra da Som Livre; afinal, o compacto com *Nuvem Passagei-*

*ra e Machu Pichu* já havia vendido 16 mil cópias.

No início de 77, sai o LP *Desencontro de Primavera*, disco mais vendido do ano. Disco de ouro. Hermes torna-se um *super-star*. Participa de todos os programas possíveis da TV e do rádio. Visita 3 mil rádios pelo Brasil. O programa "Globo de Ouro", da Globo, tocava a parada de sucessos por ordem de classificação. *Nuvem Passageira* mantém-se em primeiro lugar por meses a fio.

Começa a haver ciúmeira no meio musical. Alguns artistas recusam-se a participar do Globo de Ouro. Raul Seixas critica de modo nada sutil "...sendo *nuvem passageira*, não me leva nem à beira disso tudo que eu quero chegar; e fim de papo!" (trecho da letra de *Eu Também Vou Reclamar*, de Raul).

1978 - Sai da Tapeçar para o selo Capitol (que gravara "Beatles" e etc), ligado à EMI.

Grava o LP *Santa Maria*. Novo sucesso, porém não tão retumbante quanto o primeiro. Mais Globo de Ouro, mais Chacrinha, mais tudo.

Do disco anterior, a faixa título *Desencontro de primavera* entra na trilha da novela Locomotivas da Globo; aliás, o disco anterior continua fazendo mais sucesso do que o novo. Muda a política do selo Capitol. Ensaçando a fusão das multinacionais, o elenco nacional do selo muda gradativamente para a Odeon.



**1979** - A gravadora decide mudar sua estratégia e propõe a Hermes lançar um compacto. Queriam "reiniciar" sua carreira.

Magoado com o tratamento, Hermes envia uma carta ao diretor geral da EMI na América Latina, reivindicando um novo acordo. A carta é interpretada como um pedido de demissão. Com o orgulho ferido, Hermes decide não bater às portas das grandes gravadoras. Talvez imaginasse que elas o procurariam. Engano. Hermes recolhe-se. Fecha-se em seu mundo. Volta a trabalhar com *jingles* em Porto Alegre (ver entrevista ao programa da TVE transcrita a seguir).

**1985** - Faz o *jingle* da campanha vitoriosa de Alceu Colares e Glênio Peres à prefeitura de Porto Alegre. Posteriormente faria o *jingle* da campanha de Aldo Pinto ao governo do estado. Apesar de perder a eleição para Pedro Simon, o candidato, em grande desvantagem no

início, consegue equilibrar o pleito. Ninguém duvida que a força do *jingle* tenha contribuído para isso. Hermes está de volta à música publicitária.

**1997** - A Tapeçar relança, em CD, a obra de Hermes, incluindo a faixa bônus *Matchu Pichu*. A disposição de Hermes para lutar pelo sucesso já não é a mesma, mas suas músicas continuam a tocar, a serem gravadas, estão na história da música brasileira de forma definitiva.

**2001** - Contatado para a realização deste fascículo, Hermes consentiu, desde que fosse feito com material coletado em outras fontes e que não exigisse a sua participação pessoal. Colaboraram, então, sua irmã Tânia (pacientemente), o jornalista Juarez Fonseca (que cedeu uma entrevista inédita, base desta cronologia entre 69 e 74, coisa que ninguém faz), os músicos Mutuca e Fernando Ribeiro (com seus depoimentos pessoais), o jornalista Gilmar Eitelwein (com textos), o radialista Júlio Fürst (com material escrito, fotográfico e depoimentos), a TVE, o Museu Hipólito José da Costa e a fotógrafa Eneida Serrano.



## Depoimentos

à Ivete Brendalise

Programa Primeira Pessoa - TVE / 1997

Sobre a carta à EMI, em 77:

*" Imagina se eu ia fazer uma loucura dessas. No momento em que alguém pede demissão de uma multinacional, está se demitindo de todas. Isto nunca saiu na imprensa.*

*Cheguei a tentar levantar a questão com jornalistas do Rio e SP, mas senti que não interessava a eles. Devia (e deve) haver um grande acordo entre a grande imprensa e essas multinacionais. Essas questões trabalhistas Não pegam bem para eles."*

*" Foi terrível para mim. Estava fazendo sucesso. Meu espaço estava totalmente conquistado em jornais, rádio e TV. Visitei mais de 3 mil estações pelo Brasil. Eu vendo todo aquele patrimônio que eu tinha, que era o conhecimento do meio, desaparecer por entre meus dedos.*

*Só vim me refazer quando vi o filme "Amadeus". Fiz a seguinte projeção: Se Mozart vivesse agora, quem teria programas em redes de TV seria o Salieri, e o Amadeus estaria tocando numa churrascaria. No meio musical, sempre houve esse tipo de coisa, de se descobrir muito tempo depois que algo era realmente bom, isso tem a ver com a arte e com o artista."*





Lauro Nei, Hermes Aquino e Flávio Chaminé.

"Minha vida em Porto Alegre tornou-se uma coisa recolhida, longe dos meios de comunicação e do mundo do disco. Eu só cuidava da produtora e estava voltado para dentro de mim. Tinha vivido quatro anos sem ter um só dia de folga, então aproveitei aquela espécie de férias. Uma folga era tudo o que eu queria, aí acabei tendo vinte anos de folga. Esse era o jeito de me proteger. Tinha visto grandes artistas do passado que entraram na droga, na bebida e se perderam com o fim do sucesso. Mas continuei compondo sempre, porque a música era um bem meu, surgiu para mim antes de cantar na TV e gravar discos. Ela me realimentou, me tratou e me curou durante esse tempo todo."

"Para um artista sem gravadora, fica muito difícil. Não quis partir para o caminho do independente, estava acostumado com o sistema de grande gravadora, com staf, divulgador, não tenho este tipo de iniciativa para fazer disco independente.

Nuvem Passageira é um tratado sobre o tempo. Aprendi que a efemeridade da vida da gente frente à

história não é nada. Uma década pode passar num estalo de dedos. Por isso não me consumi, nem forcei a barra para voltar. O sucesso é uma coisa boa, mas cruel ao mesmo tempo. Teve um momento que para ir ao supermercado me escondia no carro e mandava alguém comprar. Hoje, se voltasse àquela situação, não me acovardaria, iria ao supermercado sim. É uma covardia do artista isso de se esconder. Aquilo não me caía muito bem.

Depois que tudo passou, era bom quando as pessoas me reconheciam e vinham pedir autógrafos. É uma atitude carinhosa na maioria das vezes. Claro que tem aquele olhar de cima a baixo que incomoda. Aquela imagem criada pela mídia pode ser uma coisa terrível e causar vários tipos de neurose. Isso é complicado, mas o sucesso é bom."

"Aqui no Rio Grande do Sul até que tocam pouco as minhas músicas, mas no resto do Brasil nunca deixaram de fazer sucesso. Recebo direitos autorais por isso até hoje. Aquela máxima de que santo de casa não faz milagre é uma coisa verdadeira."



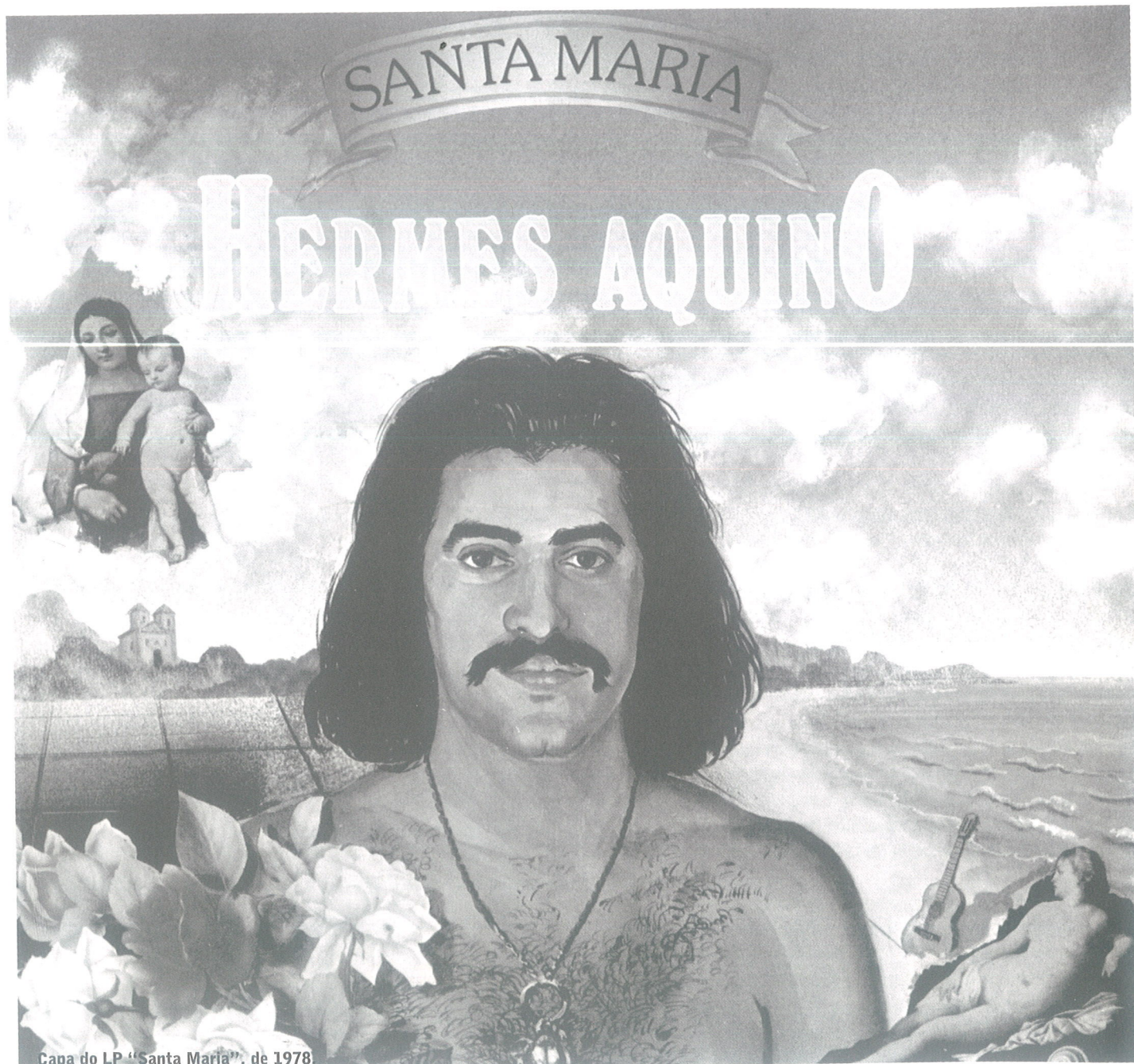
" Acho que acabar com o ECAD não vai resolver nada. O problema do artista é conseguir um acordo com as programações de rádio. O programador tem que ter a consciência de que tem poder de vida e de morte sobre aquele artista que lhe trouxe um disco. Se não rodar, ele pode sepultar aquele artista. Isso é que tem que ser resolvido."

" Sobre jabá: não acredito que haja corrupção só em Brasília. Acho que tem muita coisa em música que o povo ama e por trás daquilo, tem corrupção. Às vezes nem é dinheiro, mas uma viagem ou um presen-

te. As multinacionais têm vários divulgadores em cada cidade, e este esquema acaba acuando os programadores. Acho até que existe mais pressão do que corrupção."

" Na hora do sucesso, o amor fica tumultuado. Parece que todas te amam. É como o cara que tem grana e não sabe se querem a ele ou a grana. Às vezes a pessoa pode até estar bem intencionada, mas com a cabeça feita pela mídia, aí não dá certo mesmo."

Obs.: Não houve concessão de partituras para publicação.



Capa do LP "Santa Maria", de 1978



## Índice

## Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	.....	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	.....	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	.....	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	.....	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	.....	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	.....	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	.....	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	.....	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	.....	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	.....	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	.....	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	.....	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	.....	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	.....	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	.....	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	.....	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	.....	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	.....	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	.....	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	.....	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	.....	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	.....	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	.....	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	.....	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	.....	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	.....	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	.....	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	.....	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	.....	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	.....	- Gaita

\* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

\*\* Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

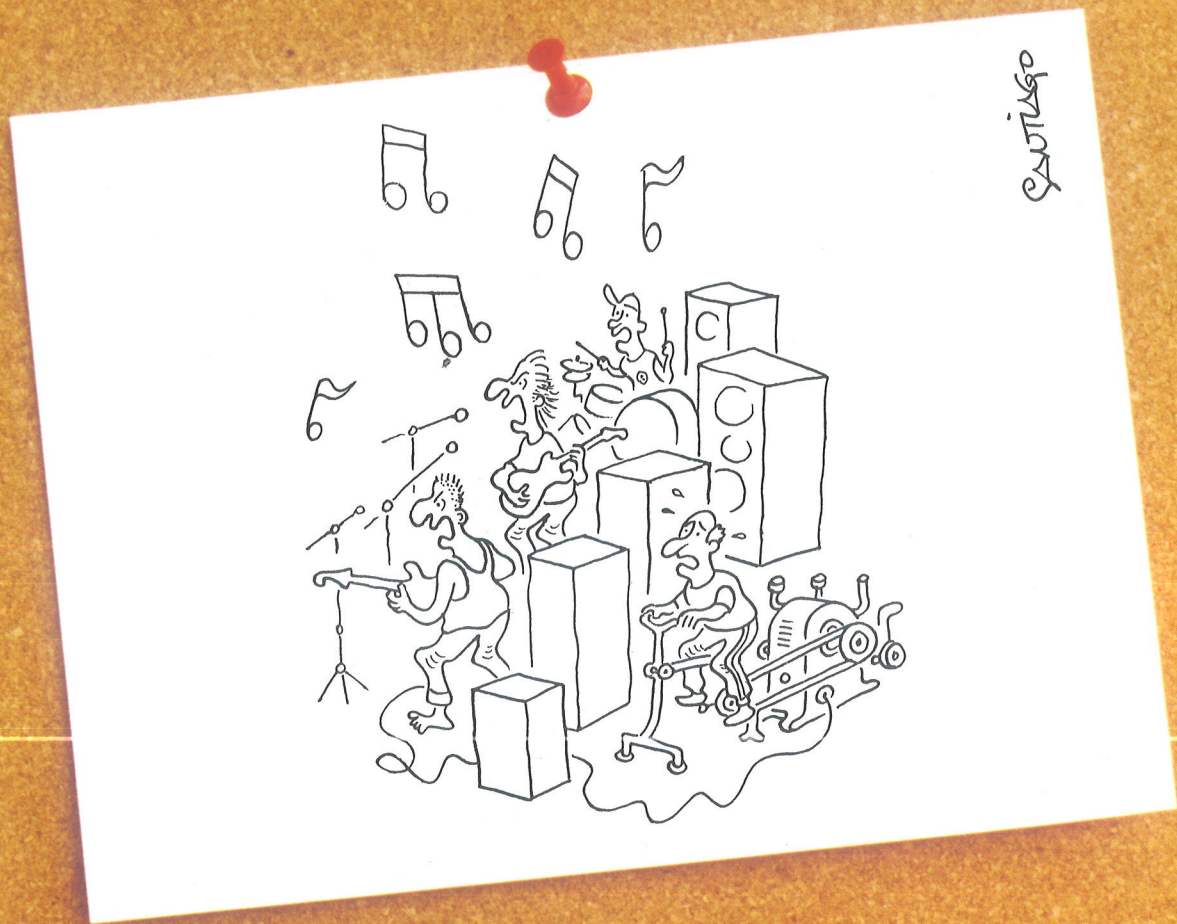
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

\*\*\* O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farrroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



## Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

**LIC**  
Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
Estado do Rio Grande do Sul



**CEEE**  
[www.ceee.com.br](http://www.ceee.com.br)



**GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Estado da Participação Popular  
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações  
Secretaria de Estado da Cultura